

Os Dois Fazendeiros

Madeleine Vernet

Em certo país da América Latina viviam dois fazendeiros ricos cujas propriedades vastíssimas faziam fronteiras. Um cultivava a cana de açúcar e outro o café. Suas plantações eram soberbas e magnificamente cuidadas por escravos negros.

A lei daquele país proibia aos amos de escravos que vendessem as crias de seus negros e que se livrassem de seus serviçais sob o pretexto de velhice. Ao comprar um escravo, o amo se via obrigado a conservá-lo até que morresse. O domínio de cada colono formava desse modo um pequeno Estado.

Mas ocorreu que um dia o fazendeiro de café e o fazendeiro de cana de açúcar notaram que aumentava sempre o pessoal que tinham que alimentar, sem obter por isso colheitas mais abundantes. Havia, pois, excesso de gastos e diminuição de benefícios.

Os dois começaram a ponderar.

*
* *

O fazendeiro de café teve uma ideia: aumentou a tarifa dos produtos.

– Deste modo, pensava, cobrirei a diferença.

E jogando cartas com seu vizinho, o fazendeiro de cana de açúcar, recebeu o

seu remédio.

– É excelente, disse o outro; eu vou imitá-lo.

Ambos elevaram os preços de suas mercadorias; mas como todos os Estados da América não estavam submetidos à mesma lei, os outros produtores não aumentaram os preços e nossos dois fazendeiros não puderam vender suas colheitas.

Eles tiveram que resignar-se a vender ao preço de mercado, como os outros, e os seus cérebros estavam lutando para encontrar um outro remédio.

*
* *

Por sua vez, o fazendeiro de cana de açúcar teve uma ideia.

– Reduzamos a alimentação de nossa gente.

– Eureka! Gritou o vizinho.

Os alimentos foram reduzidos. Reduziu-os até o estritamente necessário para a vida.

Mas também desta vez o resultado foi mal: os negros, mal alimentados, se cansavam e o trabalho era afetado por isso. De modo que, se havia uma diminuição de gastos, havia também diminuição de benefícios.

Ensaíram então persuadir os negros para que não se juntassem com suas companheiras, que não tivessem filhos, até encheram suas uniões com

uma série de complicações e dificuldades. Mas os infelizes – não tendo outro prazer, como diziam –, queriam, apesar de tudo, ter uma mulher e ter filhos.

A situação seguia muito mal.

E até se agravava. Maltratados, mal alimentados, os negros começavam a murmurar e cruzavam por seus cérebros veleidades de rebeldia.

Os dois fazendeiros viam com terror aproximar-se a hora de uma insurreição. O que aconteceria? Seriam os negros capazes de apoderar-se de todas as riquezas que seu trabalho havia produzido?

Era necessário a todo custo evitar o perigo. Os dois fazendeiros se reuniram e, depois de jogar outra partida, com acompanhamento de xícaras de excelente mocha – com o café de um e o açúcar do outro –, chegaram a acordo sobre um terceiro remédio, que qualificaram de infalível. Assim, restabelecida sua tranquilidade se despediram com um aperto de mão.

*
* *

No dia seguinte, visitando o limite de sua propriedade, o fazendeiro de café notou que as canas de açúcar haviam se apoderado de uma faixa de terreno que, segundo ele declarava, lhe pertencia.

Em seguida, enviou uma dele-

gação de negros para chamar ao seu vizinho, que veio escoltado por uma delegação dos seus.

– Este é o caso, disse em tom amargo o fazendeiro de café; vossas canas invadem meu terreno.

– Perdoe-me, respondeu o outro em tom não menos amargo; esse terreno me pertence.

– Nunca; olhe onde estão os marcos.

– Meu senhor, os limites foram alterados e eu o acuso de havê-los transferido para me acusar.

– Meu fiéis amigos, disse então o fazendeiro de café voltando-se para os seus negros, eu lhes tomo como testemunhas do insulto que acabam de me fazer.

– E vocês, meus bons camaradas, disse o outro fazendeiro a seus escravos, lhes rogo que façam constar que os marcos foram mudados de lugar.

– Está bem, senhor, respondeu o insultado, terá que me dar razão em breve.

– Não tenho medo, respondeu com altivez o fazendeiro das canas.

Ambos se cumprimentaram inflexíveis e se foram seguidos de suas delegações de negros, muito contentes e orgulhosos por terem sido tratados por seus amos como fiéis amigos e como camaradas.

À noite, nas humildes cabanas negras das duas plantações, os escravo-

vos – muito excitados por uma dose de rum, generosamente distribuído – não se falava de nada além da honra ofendida, de honra a vingar, de dignidade ferida, etc...

– Temos que vingar o amo, diziam.

– Estamos prontos a morrer pelo bom amo, aumentavam os mais sentimentais.

E os dois fazendeiros, havendo saído para dar um passeio na surdina por detrás das miseráveis barracas, explodiam de rir ao pensar que por fim haviam achado um bom remédio.

*
* *

Na manhã seguinte, o fazendeiro de café enviou a delegação de seus negros para declarar guerra a seu vizinho, o fazendeiro de cana de açúcar.

– Acima de tudo, meus fiéis amigos, disse, nada de concessões. Fomos ofendidos e temos que lavar a injúria.

– Oh, amo, fique tranquilo, responderam os bons negros; nós queremos morrer para vingar a honra do amo.

Enquanto isso, o fazendeiro de cana havia recomendado a seus bons camaradas escravos que não fizessem concessões e estivessem muito firmes.

– Mostrem que são homens!, declamava com um tom soberbo.

Cheios de orgulho por este qualificativo de homens, eles a quem se acostumava a tratar como cães, os negros do segundo fazendeiro receberam muito mal a seus vizinhos congêneres. Maltrataram, chamaram de bandidos e ladrões – foram homens, enfim, pelo ódio e violência – e a guerra foi declarada.

*
* *

No dia seguinte tudo havia terminado. Nas duas plantações, três quartos de negros estavam mortos, jogados ao solo. Haviam se enfrentado com forcas, enxadas e machados. Algumas negras quiseram misturar-se e seus cadáveres jaziam junto aos de seus companheiros. Outras negras, ajoelhadas sobre o campo de matança, choravam silenciosamente, apertando em seus braços pequenos negrinhos.

No domínio do vencedor – o fazendeiro de café – uma negra, entretanto, não chorava. Feroz, olhava para seu filho, morto a seus pés, e para seu homem ferido, sentado em banco, próximo dela.

Passou o amo.

– Miserável!, gritou a negra; você matou meu filho.

– É uma grande desgraça, disse o amo com doçura; mas você deve se consolar, minha pobre velha, pensando

que conseguimos a vitória.

– Você teve a vitória, nós não – respondeu a velha, com ira – nós continuamos escravos, como antes.

– Mas vingamos nossa honra ofendida, declarou ainda o amo.

O velho escravo ferido se levantou:

– Você nos enganou com sua honra. Você é um assassino.

– Sim, você é um assassino, repetiu a negra.

Alguns sobreviventes haviam se aproximado. O amo pode ler em seus rostos que lhes faziam efeito as palavras de seus companheiros. Outra vez sentiu a insurreição muito próxima. De toda maneira deveria produzir uma reação para prevenir a rebelião.

– E vocês são ingratos e traidores, disse com tom de juiz, e merecem a morte dos traidores!

Sacou o revólver, disparou duas vezes e os dois esposos negros caíram sobre o cadáver de seu filho.

Em seguida, os que haviam assistido a esta cena, cheios agora de medo e de admiração, caíram de joelhos.

– Oh, amo, disseram, bom amo!

– Levantem-se, disse este. Durante oito dias não trabalharão. Façam lindos funerais para seus camaradas, gloriosamente mortos pela honra de nosso domínio. Eu prometo levantar um belo monumento sobre sua tumba.

Os negros se levantaram, satisfeitos de pertencer a um homem tão generoso.

so. Fizeram lindos funerais para seus mortos, entoaram cantos de vitória e beberam rum. Ao fim de oito dias, empreenderam de novo seu penoso trabalho de escravos.

*
* *

Na plantação vizinha as coisas ocorreram com alguma diferença. Haviam sido vencidos.

O fazendeiro de canas de açúcar conduziu os sobreviventes negros ao campo de batalha.

– Olhem – disse assinalando a faixa de terra que teve que entregar, com as canas, para seu vizinho vencedor – olhem, ele nos despojou. Vocês se portaram como valentes, mas a fatalidade estava contra nós.

– Bom amo, declaram os negros, nós vingaremos um dia nossos camaradas mortos.

– Sim, meus amigos; teremos nossa revanche quando o momento for propício. Enquanto isso, façam lindos funerais para seus irmãos e não se esqueçam que seu sangue clama por vingança.

E os negros sobreviventes, esten-

dendo a mão sobre os cadáveres, juraram preparar a revanche. Fizeram lindos funerais para seus mortos, entoaram cânticos ferozes de vingança e beberam rum para esquecer a derrota; depois empreenderam de novo, também, seu duro trabalho de escravos.

*
* *

Desde então os dois fazendeiros já não têm inquietudes. Quando os escravos se tornam muito numerosos, quando temem uma rebelião de seus negros ou quando necessitam fazer-se temer, se colocam de acordo, enquanto jogam cartas, e com pretexto de uma faixa de terreno a defender ou a reconquistar, ou com pretexto de vingar os mortos, lançam um contra o outro os dois rebanhos de negros, que acabaram por considerar-se mutuamente como inimigos e se matam sem piedade.

Isto sempre tem êxito. E sempre também depois de cada batalha, os dois fazendeiros, saboreando uma xícara de excelente mocha – com o café de um e o açúcar do outro – se felicitam por terem encontrado finalmente o grande remédio.

Madeleine Vernet

Traduzido do espanhol e retirado do livro “Dinamita Cerebral – Antologia de los cuentos anarquistas más famosos”, Barcelona, Icaria, 1981 por Rosa Silva. Título original: *Les Deux planteurs ou le Bon moyen*. Épône: Avenir social, sd. 8p.

Madeleine Vernet (1878-1949) foi uma militante anarquista e pacifista nascida na França que segue sendo, infelizmente, ainda desconhecida no Brasil. Foi uma grande educadora e escritora, tendo publicado brochuras, poesias, contos, romances e conferências, colaborou também em periódicos como *Libertaire* e *Les Temps Nouveaux*. Fundou as revistas *La Mère Éducatrice* em 1917 e *La Volonté de Paix* em 1928 e a Liga das Mulheres contra a Guerra.

Mas é mais conhecida por ter sido a idealizadora e fundadora do Orfanato *L'Avenir Social*, onde colocou em prática suas propostas pedagógicas libertárias com os órfãos do proletariado francês. O orfanato recebeu apoio de muitos militantes sindicalistas e anarquistas, bem como de associações, cooperativas e sindicatos, com destaque para a CGT, mas sem nunca ter um caráter de caridade. *L'Avenir Social* funcionou de 1906 até meados de 1922, quando Vernet foi des-



tituída da direção pelos comunistas que constituíam a maioria no conselho administrativo.

Madeleine Vernet conheceu e inspirou-se diretamente na experiência que Paul Robin realizou no Orfanato de Cem-puis alguns anos antes. Desenvolveu sua ação educativa junto às crianças mais pobres e necessitadas da classe trabalhadora, propondo atividades e novos materiais para uso com as crianças. Escreveu contos, artigos e livros sobre educação, de crítica à guerra e sobre o papel da mu-

lher e da mãe na educação. Manteve contato com diversos educadores e militantes anarquistas como Francisco Ferrer y Guardia, Charles-Ange Laisant, Sebastien Faure, Emma Goldman, Marcel Sembat, entre outros.

Enquanto as escolas racionalistas e integrais eram fechadas pelo governo, baseadas na crítica clerical à coeducação de sexos, Vernet manteve o orfanato em funcionamento mesmo realizando uma educação mista, pois uma instituição des-

se caráter deve ser forçosamente para meninos e meninas. Madeleine Vernet também destacava o papel da mãe na educação de seus filhos e que o orfanato seria uma grande “família”.

Durante a década de 1910, Vernet passou a dedicar-se intensamente à luta e propaganda pacifista, contra os exércitos e as guerras, tema que mobilizou muitos anarquistas durante a Primeira Guerra Mundial. Sobre esse tema escreveu muitos textos, sendo um deles o conto que aqui apresentamos traduzido pela primeira vez ao português (e talvez o primeiro texto de Vernet publicado no Brasil). Nele a autora se utiliza de uma situação num contexto específico (escavidão num país da América Latina) para ilustrar de maneira didática como se inicia uma guerra, os interesses em jogo e quais são as únicas vítimas. Optamos por traduzir e adaptar o texto que, no seu original traz as falas dos escravos negros grafadas de maneira que faz entender que eles não dominavam a língua do senhor, ou seja, que eles se utilizavam de uma linguagem inculta. Optamos por não reproduzir esse estilo na tradução. Acreditamos que é um conto muito importante e pedagógico que vale ser lido e difundido para jovens e adultos interessados em construir uma nova humanidade, sem guerras, sem senhores e sem exploração.

Rosa Silva